

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS
 Em Ovar, semestre 500 réis
 Com estampilha 600 »
 Fôra do reino accresce o porte do correio
 avulso 20 »
 Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

PROPRIETARIO E EDITOR
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
 TYPOGRAPHIA PENINSULAR
 Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES
 No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
 Anuncios e comunicados 50 »
 Repetições 25 »
 Anuncios permanentes, contracto especial
 25 p c. de abatimento aos snrs. assignantes

AS FINANÇAS PUBLICAS

Descreve um escriptor francez, Funck-Brentano, o estado financeiro do seu paiz, depois de 1870, e as considerações, que faz, e que vamos reproduzir, mostram, que lá se commetteram os mesmos erros, que entre nós, o que deve servir de desculpa aos nossos estadistas.

O remedio, que aponta, é o mesmo que nos temos pensado em indicar, ou em pedir desde 1869.

«Diz Funck-Brentano, que em França se clamava—*nada d'impostos, nada de novos emprestimos.*»

Com este mote derrubaram-se os ministerios na esperança d'equilibrar o orçamento—*«ao menos de subir ao poder.»*

Apenas no governo, os salvadores operavam algumas reduções reaes, ou apparentes—mas o deficit reaparecia implacavel, e na falta das reduções, augmentavam a divida flutuante até que voltaram a propôr mais impostos, ou um novo emprestimo.

Nova queda, e novas promessas d'equilíbrio das despesas com as receitas.

Ha duas especies d'orçamento—um, onde o governo e as camaras calculam o que ha a receber e a gastar no anno futuro—o outro, pelo qual o paiz liquida as despesas e as receitas verdadeiras—o primeiro, todos o conhecem, votado sabe Deus como—o segundo, todos o ignoram.

O accordo entre estes dois orçamentos constitue a situação financeira—mas ainda que augmenteis as receitas e raduzais as despesas, ainda que seguido o equilibrio, desde que o segundo orçamento não corresponde ás previsões, o estado continúa em crise.

Augmentae pelo contrario as despesas, diminui as receitas, desde que o orçamento geral, e eu direi mais claro, as finanças do paiz correspondem aos actos do governo, o estado prospera.

As nossas illusões começaram no dia seguinte aos nossos desastres.

Nós pagamos, comtudo, como por encanto uma indemnisação de guerra sem exemplo na historia—e foi por novos emprestimos—cobertos 15, 30, 40 vezes—a nossa fortuna parecia inexgotavel.

Nós ganhamos com isso a vertigem dos jogos de bolça, e uma divida publica—de 40 milhares—que representa o terio da riqueza total da França.

Os nossos erros datam dos emprestimos para livrarem o territorio—eis a gloria de Thiers.

(Em 1880 na Revista Nacional não reconhecemos os milagres do sr. Thiers, e não suppunhamos que um francez em 1893 chegasse a umar francez, como o sr. Brentano.)

Para escapar ás difficuldades do credito e manter a facilidade das trocas, Thiers serviu-se dos fundos francezes collocados no estrangeiro, ninguem duvidou, de que empregando esses fundos os perdessemos, e ao mesmo tempo augmentassemos e na mesma proporção os nossos encargos e na verdade a perda foi dupla.

Nós perdemos as rendas dos capitales emprestados aos estrangeiros, e os productores francezes continuaram a satisfazer annual-

mente a mesma somma aos capitalistas, agora credores do Estado.

Realmente nós pagamos cinco milhares de fundos francezes, existentes fóra de França, só para termos o prazer de chamar a M. Thiers—o salvador.

Era melhor sem hesitar remetter a Bismark 3 milhares em ouro e dois em prata, o que teria causado na Allemanha uma crise monetaria tremenda, e não tardaria que viessem ás nossas mãos—no meio dos nossos desastres, e antes da conclusão da paz, um titulo de cem francos tinha de premio cinco nas outras praças.

Ficaram-nos sempre os cinco milhares em debito. Os emprestimos não cessaram—as emissões, sempre felizes, não deixavam duvidar d'uma maravilhosa prosperidade.

Em 1877 rebenta a crise do commercio e da industria—mas ainda então votamos 6 milhares para se ultimarem os caminhos de ferro, 700 milhões para a instrução universal e obrigatoria.

Em 1881 o emprestimo de 3 1/2 0/0 amortisavel não vingou, e não sahiu das mãos dos banqueiros.

As economias interiores e exteriores da França estavam esgotadas.

(Continúa.)

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

LITTERATURA

A Visão dos Tempos e as Modernas Ideas do Sr. Theophilo.

XXXI

Como citamos um dos artigos do sr. Fernandes Co ta sobre as traducções do sr. Theophilo Braga, aqui o reproduzimos:

«Acerca de um folhetim, onde eu demonstrava com provas irrefutaveis a falta de consciencia e de saber com que procede em coisas litterarias o sr. T. Braga, tenho ouvido defender este escriptor com duas razões de força, que por serem muito vulgarizadas e estarem no espirito de muita gente não posso deixar sem resposta.

Uns entendem que o sr. Theophilo Braga é desculpavel d'aquelles e ainda de maiores erros porque, *provavelmente*, a traducção foi feita por sua ex.^a ao correr da penna, ou como por ahi se diz, sobre o joelho, para com o producto da venda d'ella acudir de prompto ás urgencias da sua bolsa, em alguma hora de mingoa.

Outros, ou estes mesmos admittem outra hypothese, e é a de que o sr. T. Braga especulou com a auctoridade do seu nome, baseado na nossa boa fé, cobrindo com elle um trabalho d'outro e aproveitando d'este modo algumas libras para si e melhores lucros para o seu editor.

D'estas duas razões concluem que o sr. T. Braga é inatacavel n'este ponto, e deve ficar, como escriptor, a coberta de toda a censura e de toda a apreciação. E que de um trabalho feito assim

não se póde derivar consequencia nenhuma que deslustre o seu auctor.

Para muita gente aliás honrada, passa esta doutrina por corrente e perfeitamente admissivel.

Tenho a certeza de que o sr. Theophilo Braga não aceita nenhuma das desculpas. Não é, pelo menos, aquella a doutrina sã que nos préga, quasi diariamente, do pulpito litterario a que subiu.

Elle bem claramente o diz. O primeiro volume da traducção das *Obras primas de Balzac* é indigitado, como boa mercadoria, ao publico, por me o de um aranzel de vendedor, escripto pelo proprio sr. Theophilo Braga, onde este sr. explica as suas intenções e os motivos que o incitaram a emprender um trabalho, que não lhe soffria o animo ver em mãos menos dignas.

Diz assim o sr. Theophilo:

«Quasi sempre as empresas tradutoras de romances estrangeiros vão com a mira em interesses; publicam sómente aquellas obras faceis de traduzir, ou as que tem feito mais ruido. O verdadeiro romance a altura do nosso seculo, como o elevado Balzac, não é conhecido em Portugal. A edição do *pentagruelista Honoré* não é para qualquer mercenario.»

E mas abaixo diz ainda o sr. Theophilo:

«Balzac não é conhecido em Portugal; vulgarisar as suas obras mais perfectas e um serviço prestado á litteratura nacional, porque as obras primas não tem patria, todos nós podemos inspirar d'ellas; alem d'isso, desde que haja conhecimento dos bons modelos cessará a admiração que por ahi se dá a tantas composições sem merecimento.»

O sr. Theophilo Braga tinha, portanto, em vista um grande fim; emprehendia uma obra gigante e de um alcance elevado. Estava convicto do seu poder, da sua força quando começou a trabalhar; e quando fez sair a lume o seu livro apresentou o como um testemunho do que valia. Quiz ser um sacerdote da arte e não um belfurineiro; entra no templo como apóstolo e não como vendilhão.

Por isso entendi e entendo ainda que o trabalho da traducção do sr. Theophilo Braga deve ser considerado e discutido; que d'elle se devem tirar todas as conclusões logicas e justas, embora tenhamos o desgosto de ver sua ex.^a descer á condição do menos consciencioso litterato e do mais ignorado traductor.

As razões apresentadas pelos defensores de sr. Theophilo são pueris, *comprometedoras* e absurdas. Não explicam nem defendem nada. Ninguem sabe melhor uma lingua por ter o estomago farto, nem ninguem deixa de a saber por ter a algibeira em penuria.

A respeito da prohibidade é que se não póde dizer a mesma coisa.

O que pensará a este respeito o sr. Adolpho Coelho, o amigo mais dilecto e o confrade por excellencia do sr. Theophilo Braga? Elle que tanto grita contra a *corrupção litteraria*; que tanto préga o *amor verdadeiro e desinteressado da sciencia*; que tanto clama contra os escriptores sem merito, que tanto brada contra as mediocridades que se levantam, contra os patriarchas balofos e

cheios de falso prestigio; contra a infallibilidade presumida de alguns oraculos; e que tantas e tantas vezes invoca a verdade, a moralidade e a justiça.

Elle, que a respeito de um artigo do sr. Theophilo Braga publicado em um dos ultimos numeros da «Biblia Critica» periodico quasi exclusivo dos dois amigos, diz, em familia, as palavras seguintes:

«No estrangeiro vê-se que Portugal está enormemente atrazado nas sciencias; mas as causas immediatas d'esse atrazo não se conhecem; não faltam em Portugal intelligencias capazes de se occuparem com os mais altos problemas scientificos; o que falta muito é probidade litteraria. Esta é a grande chaga; o resto é o lado exterior, o mal derivado.»

Não será isto o que se chama fallar na corda em casa do enforcado? Não será zombar do publico portuguez de uma maneira estupidissima?

O meu desejo é não insistir n'este ponto; a materia está mais que discutida. Julguei necessarias estas explicações para me não crearem pouco caridoso, nem deturparem as intenções com que procedi. Quero ter o maior respeito pelo trabalho do sr. Theophilo Braga; é preciso para isso convencer-me de que elle é honesto e digno. Que-

ro que o sr. Theophilo Braga; seja meu mestre de litteratura, como elle pretende ser-o; mas é preciso acreditar primeiro na sua auctoridade e ter a certeza de que elle procurou com escrupulo e intelligencia a verdade que me ensina.—De v. etc.—Lisboa, 20 de setembro de 1873.—Fernandes Costa.

O CONGRESSO DOS VELHOS CATHOLICOS

Em 1873

Mesmo na Egreja não passou sem protestos o dogma do papa infallivel.

Emquanto se reuniam em Genebra os congressos da internacional, um outro congresso mais pacificamente revolucionario se reunia em Constança, na Suissa tambem, a terra dos congressos; era o dos Velhos Catholicos.

Como sabe, houve na Allemanha um movimento de reacção entre os catholicos contra o dogma da infillibilidade do papa, reacção que se consubstanciou no celebre conego Doellinger. Esse movimento propagou-se, tomou um caracter de schisma, só na Allemanha

INTIMOS

(E. A.)

A' MARIA . . .

Tu não sabes talvez quem seja o pobre
 E solitario vate que te escrevel...
 E's rica de illusão, de amor és nobre,
 E o mundo arrastas em teu passo leve.

Eu sou filho das selvas, esquecido
 Dos homens e talvez dos teus affectos;
 Mas tenho o peito em ancias consumido
 A' luz de teus olhares predilectos.

Eu vivo desse amor febricitante
 Que tanto o meu espirito extasia!
 Que importa a nós o mundo ignorante?...
 Amar é ter no peito a poesia!

Amemos, bella filha de minh'alma,
 Que Amor seduz, illuminando a vida!
 E's bella e moça—tens do amor a palma.—
 Que queres mais, estrella prometida?

Eu sou filho das Musas—tenho a lyra
 Para exaltar o canto mais ardente,
 O canto mais ardente que suspira
 Quando eu suspiro fervorosamente.

Prelibemos o mel delicioso
 Dessas venturas que só Deus conhece,
 Pois de quem ama o peito venturoso
 Resume a luz de harmoniosa prece!

Quando junto de ti meu pensamento
 Deixo vogar ao beijo das chimeras,
 Sinto que a vida passa num momento,
 Rodeada de eternas primaveras.

Só tu—que tens os magicos encantos
 Mais delicados que talvez a aragem,
 Podes—vaidosa e cheia de quebrantos,
 Enternecer um coração selvagem!

A luz de que tu'alma se reveste
 Tem da candura e da pureza o véo:
 Porque, Maria, se tu és celeste,
 E' porque és do que levantas

Trovador.

conta perto de 50:000 adherentes, ha tambem muitos na Suissa. Hoje querem restabelecer a velha unidade catholica reconciliando-se com as seitas dissidentes, e voltar á pureza do culto nas primeiras eras christãs. E' este o terceiro congresso annual. Agora dêram elles um grande passo, elegeram um bispo que foi sagrado por um bispo jansinista de França. O bispo dos velhos catholicos é monsenhor Reinkens.

Agora o congresso reuniu-se na grande sala em que esteve reunido tambem em tempo o celebre concilio de Constança. Assistiu a elle, como membro da delegação de velhos catholicos suissos, o tão fallado padre Jacintho. Reina n'elle um espirito religioso e liberal; basta dizermos que o abade Michaud, louvando o antigo concilio de Constança, não hesitou em o censurar por ter condemnado João Huss. Como os velhos catholicos aspiram a chamar a si as outras igrejas christãs appareceram em Constança padres gregos e bispos anglicanos, pastores protestantes, etc. Doelinger é que não veio.

O presidente do congresso foi o professor von Schulte, os seus dois vice-presidentes foram o professor Cornelius e o sr. Keller. O presidente deu conta dos trabalhos, affirmou que o ministerio prussiano lhe fizera esperar que o velho catholicismo seria dentro em pouco reconhecido como religião official e admittido portanto a ter a sua parte no orçamento dos cultos. A estatística d'esta seita dá parece que os resultados: ha na Prussia 22 igrejas com 19:200 adherentes, na Baviera 33 igrejas com 17:000 adherentes, no grão ducado de Baden 27 igrejas com 11:000 adherentes, no resto da Allemanha os velhos-catholicos serão 1:000 pouco mais ou menos. Na Suissa ainda se não conhece bem a estatística do movimento.

O congresso, depois de ter tratado da organização do velho catholicismo, separou-se fechando-o o novo bispo com um esplendido discurso, em que se continham estas palavras:

«Dizeis que assim a unidade será quebrada. Sim, se se trata da de Roma. Dizeis que se arriscará a união catholica. Sim, se se trata da que põe tres corôas na frente do Papa. Sim, se se trata do seu direito de condemnar todos os homens, porque o Christo declarou que era elle o unico juiz. A Escripura Sagrada é como a casa aberta do pae de familia entremos n'ella e sentemo-nos aos pés do Christo para ouvirmos as palavras da vida eterna. A nossa alma deve voltar-se para o livro divino, como a flôr para o sol.»

Emquanto se celebrava o congresso do Velho-Catholicismo,

continuava as suas sessões o dos auctoritarios da internacional. Os operarios genebrezes continuaram a ser os mais sensatos, e um d'elles pediu que os esforços da internacional se voltassem para tres assumptos: augmento de salarios diminuição das horas de trabalho, e estabelecimento das sociedades cooperativas. Um holandez porém se encarregou de responder com desdem a estas theorias tão pouco revolucionarias: Augmento dos salarios para que? disse elle, se ao mesmo tempo augmenta o preço das coisas necessarias á vida; as sociedades cooperativas, se dão resultado, fazem com que os operarios se transformem em capitalistas, e passem portanto a ser tambem espoliadores!

Soberbo!! Já Clauseret dizia: «Com as taes sociedades cooperativas os operarios tornam-se proprietarios e em seguida conservadores; e depois com quem havemos nós de fazer a revolução?»

A respeito da intervenção dos burguezes não se chegou a conclusão alguma, tratou-se de organizar uniões internacionaes de officios, e depois de grande discussão decidiu-se por um voto de maioria que os operarios deviam lançar-se na politica. Depois tratou-se de discutir as attribuições do conselho geral, que foram muito cerceadas, mas decidiu-se que a sua sede continuaria a ser em Nova-York, como convem a Karl Marx. Os genebrezes e outros oppõem-se porém a isso com tanta força que é possível que ainda este incidente venha a produzir um novo schisma. N'esse caso ficaria havendo tres internacionaes. Diz o correspondente do *Jornal dos Debates*.

A CRISE VINICOLA

Nunca é demais insistir sobre um assumpto, mórmente quando elle redundando n'um intrincado problema, cuja solução, por se affigurar extraordinariamente difficil, não deixa todavia de pertencer ao numero d'aquellas a que a dura necessidade obriga.

E' seguindo esta ordem de ideias, que nós continuamos a insistir sobre a necessidade de reclamar das instancias superiores um pouco mais de attenção para a tremenda crise que vae atravessando a pobre e desprotegida viticultura portugueza, e não venha objectar-se, em resposta aos justificados lamentos dos nossos viticultores, que são elles e só elles os unicos culpados d'este lamentavel estado de coisas, e que consequentemente, a elles cabe o dever de providenciar, porque objecções d'esta natureza não calam

já no animo de ninguem, pela razão simples e unica, de serem profundamente immerecidas além de não representarem a expressão da verdade.

*Forçoso é confessar que os nossos viticultores não têm querido ou não têm sabido concorrer, até certo ponto para a manutenção da plena integridade dos seus direitos, mas é preciso reconhecer tambem que os nossos governos, a quem cumpre cuidar do bem estar geral, e zelar escrupulosamente os interesses do paiz a cujos destinos presidem, pouco se têm preocupado resalvando, é claro, raras mas honrosissimas excepções, com os destinos da agricultura nacional, como se ella não fosse a fonte inexgotavel do ouro que nos dá vida e a mais solida base da nossa economia.

A agricultura portugueza tem feito muito em poucos annos, mais mesmo do que seria licito esperar-se.

A inexplicavel rotina, vae, pouco a pouco mas muito sensivelmente, perdendo terreno, que a sciencia e a razão lhe disputam, passo a passo. São consideravelmente melhorados os antigos processos de cultura, tudo se esmera tudo caminha, tudo progride, emfim.

A agricultura nacional apenas a si deve o que valle. Agora não pode avançar mais sem o auxilio dos governos, auxilio que deve principalmente consistir na realização de tratados de commercio com os outros paizes, para mais facil collocação dos nossos productos agricolas nos mercados estrangeiros.

Em nosso ultimo artigo disse-mos que uma das medidas que maia urgentemente se impõe é declarar portos francos os portos de Lisboa e Lourenço Marques, como medida de grande alcance economico e financeiro, e tambem como medida de salvação para a desgraçada viticultura portugueza, que se vê agora a braços como maia negra miseria.

O que então dissémos, novamente o repetimos, porque é natural suppôr, que, apenas transformados em portos francos os importantes portos a que atraz nos referimos, a consequencia inevitavel de uma tão judiciousa medida será um acrescimo enorme do seu movimento commercial, d'onde derivará naturalmente uma exportação consideravelmente maior dos nossos vinhos, que hoje não encontram facilmente mercados que os recebam.

Se esta medida, applicada ao importantissimo porto de Lisboa não der sob este ponto de vista em que encaramos a questão, o resultado que della devemos esperar, o que acreditamos não succederá, restar-nos-ha então o porto de Lourenço Marques, que

uma vez transformado em porto franco muito lucrare com isso, por todas as razões e será o centro por excellencia para o commercio dos vinhos portuguezes, se leis sabias, e sabiamento interpretadas, souberem proteger sempre a agricultura e a viticultura nacionaes.

E' certo que não é de um dia para o outro que pode conseguir-se todo o enorme resultado que pode advir-nos de uma tão judiciousa medida, mas rapidamente a população augmentará de muito e com ella o movimento commercial, e d'ahi o bem estar e a vida desafogada para todos.

E' tempo de se pensar a sério nas tristes surpresas que talvez o futuro nos reserve; vale mais prevenir que remediar.

J. E. Carvalho d'Almeida

CARTAS A UM AMIGO

III

Parece-me, meu caro João, que a tua alma de patriota, se deve sentir consolada, depois das alegres e boas noticias que te heidado.

Apesar de que, meu bom amigo, já por ahi ha quem não acredite na realização d'essa obra de justiça e de misericordia, e em que te falei na minha ultima carta—a cadeia.

E' gente pessimista que eu não quero nem procuro convencer d'essa grande verdade.

E ás vezes—quasi têm razão.

Pois quê? Cadeias novas em Ovar? E' um sonho que se desfaz como nevada bóla de sabão! Poucos acreditam, e aquelles que fingem acreditar-o, dura-lhes essa crença o tempo das rosas de Malherbe. Mas para orgulho e vaidade de nós todos, os vareiros, as cadeias far-se-hão. Anda n'isso empenhado o nosso bom nome, e o presidente da camara não é homem que prometta e, depois, falte á sua palavra. Não. Não é d'esses.

A nossa praia do Furadouro, tambem vai, n'este anno, alcançar alguma coisa de bom.

Não ouviste ainda fallar na formação d'um grupo, que pretende explorar uma carreira de automoveis? Pois isso já anda na bócca de todos. A' hora de chegada dos comboyos, lá estará, no largo da Estação, um elegante carro para conduzir os banhistas ao Furadouro.

E dizem que os bilhetes não custam caro, e estarão ao alcance de todas as bolsas.

Assim seja! Desapparecerão os

velhos carros do Clemente, do Cezeira, do Manoel do Bento, etc.—que, relativamente aos automoveis, ficarão sendo para Ovar, como os carros do Jacintho são para os electricos lisboetas.

Não mais se tornará a ouvir a velha cornêta metalica do Manoel do Bento á Praça, chamando os freguezes. Essa, será substituida por uma forte cornêta de automovel. E quando o automovel passar á Praça com a velocidade de 30 kilometros á hora, e a cornêta a fazer ou, ou, como que a rir sarcasticamente do velho Manoel do Bento, nós todos nos convenceremos de que a nossa terra progride. E o Furadouro, de futuro, será mais frequentado. Offerecendo nós aos banhistas, tão rapido e barato meio de transporte, porque motivo não hão-de elles preferir a nossa praia?

Até hoje, o Furadouro pouco mais conhecido é, do que pelos réclames que o Cerveira faz no *Seculo*.

Pois não é assim? Quantas vezes, foste tu instado para ir jantar no Furadouro, ao hotel Cerveira? Nunca te convidaram para jogares uma partida de bilhar no hotel Cerveira? Acaso não encontraste alguma vez um amigo com quem passasses uns momentos a saborear uma chavena de café á mesa do hotel Cerveira?

A verdade é esta: Só o Cerveira é que tem procurado fazer réclame ao Furadouro.

Os outros, não querem saber d'isso. Se a praia é pouco ou muito frequentada é, para elles, uma questão secundaria.

E como é triste dizê-lo!

Procuremos nós tornar conhecido o Furadouro, digâmos por toda a parte que não ha praia que, em Portugal, se lhe avantege, façamos saber que ali já se encontram as commodidades reclamadas n'uma praia, e teremos cumprido o nosso dever de patriotas.

E tu sabes bem—meu caro João,—que na nossa terra, ha maldiscentes. Ora vê lá! Até já se diz que os vareiros não são homens que arrisquem os seus capitães n'uma empresa de automoveis, para fazer a carreira entre Ovar e o Furadouro!

Não se lembrando essa gente que os vareiros tambem são descentes d'aquelle valoroso D. João de Castro que arriscava um filho por cada pedra da fortaleza de Diul

Para os incredulos, o tempo encarregar-se-ha de lhes responder.

E tu, não te impacientes. Espera e confia.

Abril-907.

Teu
Sylvio.

FOLHETIM

NOITES DE CORINTHO

por Debay

Os Serões de Lais

XIX

O chefe mysterioso—Vês estes craneos, estes punhaes, e as taças de veneno?

—Vejo.

—Estes craneos são dos iniciados que tiveram a audacia de fallar dos nossos mysterios; os punhaes e as taças são os instrumentos de supplicio dos que violam os seus juramentos.

—Não tenho receios.

—Jura pois pelas barbas de Demurgos, por Ceres, Proserpina e Bacchus, que antes te arrancarão a vida do que faltes ao teu juramento; que nenhum poder humano nem mesmo as torturas poderão tornar-te prejuro. Jura tres vezes, e que os deuses infernaes te persigam para sempre na outra vida, se violares e teu juramento.

—Juro-o.

—Jura ainda pela triplice Hecate respeitar e fazer respeitar em toda a parte e em todas as circunstancias os ministros do templo de Ceres, prestar-lhes socorro; finalmente, jura obedecer-lhes executando as ordens, que elles queiram dar-te.

—Juro-o.

—Noviço, enche-te de coragem, porque vais soffrer a primeira prova. Mostra-te digno d'entrar na familia dos Felizes. . . Agentes dos nossos sagrados mysterios, apoderae-vos da pessoa de Diagoras de Mellos, e conduzi-o aos campos da morte.

Logo quatro individuos me agarraram pelos braços levando-me a um escuro subterraneo onde se ouviam sons estridentes agudos gritos, gemidos que faziam gelar d'horror. Eu continuava na escuridão, quando ao fim d'alguns momentos era o subterraneo todo em chammas e eu via hidiondos spectros, monstros com as formas mais extravagantes e mais pavorosas: morcegos gigantes, esphinges, reptis d'enormes dimensões, abrindo medonhas guellas e procurando oppôr-se á minha passagem. Todavia, não parei, mas ao chegar a um ponto,

que por muito estreito a custo se transitava, vi dois cyclopes, com maças erguidas ameaçando esmagar o que ousasse passar além. Sem esta aparição me intimidar, dispunha-me a transpôr o desfiladeiro, quando os cyclopes bateram uma forte pancada no rochedo que se abriu, e cahi n'outro vão ainda mais espaçoso. A' direita no solo estavam instrumentos de tortura ainda sangrentos, á esquerda viam-se cadaveres mutilados com horriveis golpes; de frente de mim figuras metade humanas metade bestiaes em continuas visagens.

Não pude evitar um sorriso de piedade á vista d'este medonho aparato de fantasmagoria.

Inesperadamente senti-me preso, por dois satyros de cabeça d'Anubis dos quaes um tinha um cavalleto e o outro uma serva; tentaram lançar-me ao chão, estenderem-me no cavalleto para me serarem ao meio; mas eu oppuz-lhes uma resistencia que não esperavam. Na lucta recebi uma forte pancada n'um dos olhos que gritei de dôr.

—Os vossos patrões não vos auctorisaram a offender os asirantes, lhes disse; cessae os vossos ataques! E empunhando uma

barra de ferro assentei-a no satyro que de mais perto me agarrava cahindo pesadamente a meus pés; o outro fugiu.

Prestes um intenso trovão ressoou pelas abobedas, e os relampagos quasi me cegaram. Quando reabri os olhos, rodeavam-me furias, gorgonas, e harpias. Depois d'estes monstros me importunarem durante algum tempo, um dos mais encarniçados atirou-me ao rosto uma das suas serpentes; quiz persegui-lo e quasi o alcançava, quando me prendeu uma força invisivel que erguendo-me do solo me colloca no cume d'uma rocha escarpada. Por todos os lados profundas trevas, e junto da penedia uma impetuosa corrente volvia murmurando as suas aguas phosphorecentes. Os ministros d'Eleusis, pensava eu, dispõem d'habeis machinistas.

—Agora que mais devo fazer? perguntei.

—Precipitar-te, gritou uma voz surda que sahia do abysmo; ou pedir-me perdão.

—Ministro de Ceres, respondereis pela minha vida perante os deuses!

La precipitar-me, mas eis que a penedia abaixa até ao nivel do solo, de tal modo que, sem ter sói-

frido o menor abalo, me encontrei em pé na base da rocha.

Sorrindo, me surde uma das Melissas e me diz:

—Até agora atravessaste heroicamente as diversas provas que devem conduzir-te á verdadeira luz, resta uma, talvez mais terrivel do que as outras. Preciso é que desças e vás andando sem que te deixes amedrontar pelo que ferir os teus olhos e teus ouvidos. Olha, aqui tens esta lampada e este bolo soporifico, que te são necessarios, um para dirigir os teus passos, o outro para adormecer o cão monstruoso guardador da porta por onde deves passar e n'este temivel ponto se ha-de realisar a ultima prova: se a suportares com a mesma energia que as precedentes, o titulo de iniciado nos sagrados mysterios ser-te-ha conferido com imponente solemnidade.

Has-de cobrir-te com o habito symbolico da iniciação, que preciosamente conservarás, enquanto existires; porque é por este signal que os irmãos iniciados te distinguirão dos profanos.

(Continúa).

Clara de Miranda.

BOLETIM ELEGANTE

Faz, hoje, annos: a menina Carminda, filha do sr. Francisco Julio, official de diligencias, n'esta comarca.

NOTICIARIO

A GRÉVE

Em todas as escolas superiores de Lisboa, Porto e Coimbra e em differentes lyceus e outras escolas, foi declarada a greve geral por causa dos acontecimentos da Universidade. A questão parece tomar um aspecto grave. Um grande numero de rapazes já perderam o anno por faltar.

Em Coimbra reina socôgo, mas em Lisboa já houve tumultos entre a força publica e os estudantes da Polytechnica.

O governo já foi intrepellado por causa dos acontecimentos, respondendo o sr. presidente do conselho que ao governo incumbem manter a ordem publica, e que essa, a ha-de manter, custe o que custar. Neste conflicto gravissimo, que muitos apresentam como especulação politica, ninguem poderá dizer, com segurança qual o desfecho.

D'um lado está a mocidade nobre e generosa, do outro está o governo que tem deveres a cumprir.

Oxalá arranjem solução para este lamentavel conflicto—solução honrosa para todos: para os estudantes e para o governo.

CÃO HYDROPHOBO

Pouco depois das duas horas da tarde, de terça-feira ultima, os habitantes da Praça e ruas vizinhas, foram surpreendidos pelas detonação de dois tiros.

Accorrendo ás portas n'uma incertesa desesperante inquiriam da causa. Já se phantasiavam crimes horrendos quando chegou a explicação do caso.

Um cão atacado de hydrophobia atravessava a rua da Praça, quando o regedor o prostou com dois certos tiros.

NECROLOGIA

Na tarde de terça-feira falleceu n'esta villa, o sr. Joaquim Ferreira da Silva, abastado proprietario e capitalista, pai dos nossos amigos Arthur e Joaquim Ferreira da Silva, acreditados negociantes da nossa praça.

O finado havia adoecido ha cinco mezes, tendo-se-lhe aggravado os padecimentos nos ultimos dias.

O seu funeral realisou-se na quarta-feira, á noite, sendo imensamente concorrido.

A toda a familia em lucto, apresentamos as nossas sinceras e sentidissimas condolencias.

ENCERRAMENTO DAS CORTES

Foi assignado, na 5.ª feira, o encerramento das côrtes, realisando-se, no dia seguinte, a sessão real, sendo o rei representado pelo Sr. Presidente do conselho.

Não era necessario ouvir o conselho d'Estado, pois que a presente sessão estava prorogada até ao fim do mez, podendo, n'este caso, o governo fechal-a, quando quizesse, dentro d'aquelle prazo.

AOS NOSSOS

ASSIGNANTES

Prevenimos os nossos ex.ºs assignantes de que, a administração deste jornal, vae proceder á cobrança do semestre que termina a 13 do proximo mez de Maio.

Beneficencia escolar

A Commissão de Beneficencia Escolar d'esta freguezia tomando conhecimento, em sua sessão de 11 do corrente do fallecimento d'um dos seus membros, o sr. Joaquim Ferreira da Silva, resolveu lançar na acta um voto de pezar e muito sentimento, fazer-se representar no funeral do saudoso extinto e suffragar-lhe a alma com uma missa no setimo dia, sem encargos para o cofre da Associação, levantando em seguida a sessão em signal de lucto. De tudo foi dado conhecimento aos filhos do fallecido os nossos amigos Arthur e Joaquim Ferreira da Silva.

Representou a Commissão, no funeral, o seu digno presidente Dr. Pedro Chaves, que era portador d'um lindissimo bouquet offerta da mesma commissão.

—Em sua sessão de 12 do corrente tomou conhecimento d'uma carta, do nosso patricio Manoel d'Oliveira de Pinho, commerciante no Pará, acompanhado d'um saque de 150\$000 réis fortes, producto d'uma subscrição por elle aberta n'aquella cidade, que abaixo publicamos.

Por tal motivo a Commissão resolveu lançar na acta um voto de louvor e agradecimento áquelle nosso patricio e inscrever o seu nome nos quadros dos benemeritos já affixados nas escolas,

O sr. Francisco Lopes da Silva, tambem communicou á commissão que a subscrição por elle aberta na referida cidade do Pará já attingia a quantia de 800\$000 réis, e que se esperam ainda mais donativos.

A Commissão já agradeceu os relevantes serviços prestados por aquelle nosso patricio á terra que lhe foi berço, resolvendo aguardar o resultado final da subscrição para lhe demonstrar o seu grande reconhecimento.

Subscrição aberta na cidade do Pará pelo nosso patricio Manoel d'Oliveira de Pinho, em favor do cofre da Beneficencia escolar d'esta freguezia d'Ovar.

Manoel d'Oliveira de Pinho e sua familia . . .	129\$000
Manoel Rodrigues Coimbra . . .	30\$000
Pereira, Lemos & C.ª . . .	30\$000
Claudino Romariz . . .	30\$000
Santos, Sobrinho & C.ª . . .	30\$000
B. A. Antunes & C.ª . . .	30\$000
Miranda, Ferreira & C.ª . . .	10\$000
Alves de Sousa & C.ª . . .	15\$000
Armindo Gomes . . .	10\$000
H. Cunha Porto . . .	10\$000
Frederico Correia da Silva . . .	10\$000
Alves, Rodrigues e C.ª . . .	10\$000
Velhote, Silva e C.ª . . .	10\$000
M. Lopes & Guimarães . . .	10\$000
Barros, Carêpa & C.ª . . .	15\$000
Antonio Cruz & C.ª . . .	10\$000
Manoel Augusto Moreira . . .	15\$000
Francisco Jauffret . . .	10\$000
J. A. Watrin & C.ª . . .	15\$000
J. J. Silva & C.ª . . .	10\$000
Figueiredo & Serra . . .	10\$000
Luiz Mendonça & C.ª . . .	10\$000
Pereira & Filho . . .	15\$000
José Antonio Rodrigues . . .	10\$000
A. Antrau . . .	10\$000
Damião dos Santos Lopes . . .	10\$000
La Rocque & C.ª . . .	10\$000
Eduardo Ferreira d'Oliveira . . .	10\$000
A. Baêta . . .	10\$000
Total	534\$000

que ao cambio de 356.º produziu em dinheiro portuguez a quantia de 150\$000 réis enviada por intermedio do «Banco Alliança» ao Reverendo Abbade d'esta freguezia.

TEMPO

O tempo tem continuado chuvoso, sendo, todavia a chuva em menos abundancia.

O DEFESO DA CAÇA

Pelo deputado da nação sr. Luiz Gama, foi apresentado á camara electiva um projecto de lei regulando o defeso da caça em todo o paiz. Segundo nos consta, esse diploma, que é precedido de um bem elaborado relatorio justificativo das medidas apresentadas, fixa os prazos do defeso, prohibe a caça com armadilhas, protege os oves e ninhadas e estabelece penalidades para os transgressores.

Pelo referido projecto fica prohibida a caça em todo o paiz desde 1 de fevereiro, a 15 do setembro de cada anno, e serão fiscaes directos d'esta lei os regedores, cabos de policia, fiscaes do governo junto das companhias dos caminhos de ferro, officiaes de diligencias, guardas fiscaes, empregados do sello, cantoneiros, guardas campestres e florestas, ruaes ou fluviaes, guardas campestres ajuramentados e empregados das associações de caça, depois de ajuramentados pelos administradores dos respectivos concelhos.

Os transgressores incorrem na pena de prisão correccional de 15 dias a 3 mezes e multa de 15\$000 a 40\$000, applicando-se a pena maxima em caso de reincidencia.

Escola Movel Agricola

«CONDE DE SUCENA»

EM OVAR

Mappa das lições durante a 19.ª semana, desde 7 de abril a 14 de abril de 1907.

Agricultura — Assumptos das lições explicativas: Sementeira do linho. Preparação de caldas cupricas, acida, neutra e basica. Tratamentos pulverulentos contra o mildiu. Trasfegas, collagens e sulfurações de vinhos.

Trabalhos práticos realizados: Distribuição d'adubos em cobertura. Collagens de vinhos. Tratamento de casse num vinho branco. Indicação de formulas de adubação chimica para diversas culturas. Lavouras com a charrua Brabant.

Palestra: Realisa-se em Esmoriz ás 6 horas da manhã.



Agradecimento

A esposa, filhas e primo do fallecido Antonio Pereira de Carvalho, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que em tão duro transe as distinguiram com as provas de sua amizade, acompanhando á sua ultima morada os restos mortaes do saudoso extinto, e assistindo á missa do 7.º dia.

A todos protestam a sua indelevel gratidão e pedem desculpa de qualquer falta involuntaria que por ventura houvesse.

Ovar—29-3-907.

- Maria Lopes Carvalho
- Maria da Encarnação L. Carvalho
- Maria da Gloria Lopes Carvalho
- Maria Palmyra Lopes Carvalho
- P. Manoel Baptista L. Ramos.

Agradecimento

O Delegado do Procurador Régio, contador e escrivães d'este juizo, agradecem a todas as pessoas que assistiram á missa do 7.º dia suffragando a alma do ex-juiz d'esta comarca Dr. Francisco Augusto Lobo Castello-Branco, protestando-lhes o seu vivo reconhecimento.

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, Irmã, cunhado, Sobrinhos e Sobrinhas do fallecido Manoel Paes de Andrade, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, veem por este meio testemunhar o seu reconhecimento de gratidão a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os na sua grande dôr e acompanharam o extinto á sua ultima morada.

Ovar, 26 de Março de 1907.

- Anna d'Oliveira Dias
- Francisco Ferreira Dias
- Manoel Ferreira Dias
- Antonio Augusto Ferreira Dias
- Antonio Rodrigues de Mattos
- Josepha Dias de Mattos
- Joanna d'Oliveira Dias.
- Gloria d'Oliveira Dias
- Anna Dias Valente

Agradecimento

Os abaixo assignados agradecem, penhoradissimos, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por fallecimento de sua chorada esposa, irmã, mãe e cunhada Anna Soares d'Araujo e a acompanharam á sua ultima jazida, consignando-lhes d'esta forma a sua eterna gratidão.

Ovar, 4 de Abril de 1907.

- José Maria d'Oliveira Correia
- Guilherme d'Oliveira Correia
- Maria Carolina Soares d'Araujo
- Maria Augusta de Jesus.

ATELIER PHOTOGRAPHICO

DE

MANOEL JOAQUIM & C.ª

24, R. do Outelro, 25

OVAR

N'este atelier, que se acha provido dos melhores machinismos, executam-se todos os trabalhos photographicos com o maior primôr e por preços muito convidativos.

CONVITE

A Commissão de Beneficencia escolar d'esta freguezia convida todos os associados e pessoas de suas relações a assistir á missa que por alma do seu collega Joaquim Ferreira da Silva que se ha-de rezar no dia 17, pelas 8 horas da manhã, na capella de Santo Antonio.

PREVENÇÃO

O abaixo assignado declara que não se responsabilisa por divida ou transação de qualquer especie, que seu filho Abel da Silva Mattos, contraia.

Ovar, 10—4—907.

Agostinho da Silva Mattos.

CASA

Aluga-se uma grande, com bastantes commodos, na rua da Graça.

Para tratar com o seu proprietario José Maria de Pinho Valente.

Tribunal do Commercio da Comarca d'Ovar.

FALLENCIA DE ANTONIO JORGE

2.ª Publicação

Pelo tribunal do commercio d'Ovar e cartorio do escrivão Zagalo de Lima correm seus termos os autos de fallencia do commerciante Antonio Jorge, casado, do logar da Ordem, freguezia de Maceda, da comarca de Ovar, a requerimento das firmas José Pinheiro da Silva & Companhia, Pimentel & Alves e Silva & Machado, da cidade do Porto, e dos mesmos autos se vê que foi o dito commerciante Antonio Jorge declarado em estado de fallencia por sentença do referido tribunal de 22 do corrente, sendo nomeado para administrador da mesma João José Alves Cerqueira, casado, negociante, da Praça d'Ovar, e marcado o prazo de quarenta dias para a reclamação dos creditos. Por isso todos os credores da massa fallida do dito Antonio Jorge deverão apresentar a reclamação do seu credito no alludido tribunal dentro d'aquelle praso, nos termos dos artigos 236 e 238 e § unico do Código do Processo Commercial.

Ovar, 23 de Março de 1907.

O Juiz Presidente do tribunal do commercio,

Lobo Castello Branco.

O Escrivão,

Angelo Zagallo de Lima.

EDITOS

2.ª Publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Coelho correm editos de 30 dias a contar da ultima publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando Manoel Nogueira da Silva, estudante, no Rio de Janeiro; Amelia Nogueira da Silva, proprietaria, ambos solteiros, de maior idade, e Alcides Nogueira da Silva, menor, pubre, estes residentes com sua mãe D. Adelaide Nogueira da Silva, na cidade do Maranhão, e Augusto d'Oliveira, solteiro, maior, creado de servir, De Candoza, de Vallega, ausente no reino, todos em morada desconhecida e por isso em parte incerta, para todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de seu tio José Pereira de Pinho, em que é cabeça de casal Manoel Pereira de Pinho, casado, proprietario, do Seixo de Cima, de Vallega, e isto sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Ovar, 16 de Março de 1907.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Lobo Castello Branco

O Escrivão,

João Ferreira Coelho.

CONCURSO

Perante o administrador do Concelho de Ovar e durante o praso de 30 dias a contar da publicação do ultimo annuncio no «Diario do Governo», acha-se aberto concurso documental para o provimento do logar de secretario da administração do mesmo concelho, com o ordenado annual de 240\$000 réis e respectivos emolumentos.

Os concorrentes deverão dirigir os seus requerimentos a esta administração documentados em conformidade com o Decreto de 24 de Dezembro de 1892. Administração do concelho d'Ovar, 1.º de abril de 1907. Eu, Manoel Gomes dos Santos Regueira, amanuense servindo de secretario o escrevi.

O administrador do concelho

José Ferreira Marcellino

ESTAÇÃO FRIORENTA

Um certamen vae haver,
Que decerto dá fiasco,
P'ra que se possa saber,
Qual é o senhor do TASCÓ
Que bom vinho 'stá a vender.

Mas de todo o concorrente,
Que ao concurso ABORDAR,
Diz por ahí toda a gente,
Que nenhum vae ABICHAR
A ponta d'um... prémio, sòmente.

Eu então cá por PIRRAÇA,
Affianço e.. também juro;
Que o LUZIO sempre caça,
Ter o MEU... prémio seguro,
E ao vél-o...ácha-lhe graça.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender
Azeitona d'Elvas a 220 reis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE
VICTORINO TAVARES LISBOA

N. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se também de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá também a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente!

EXTACTO DO CATALOGO

DAS
Obras á venda no BAZAR FENIANO
DE

ANTONIO DA SILVA SANTOS

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

Edições d'esta casa

Guia dos Namoradores (60 cartas em prosa)	200
Verdadeira significação dos sonhos	60
Rei das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal	60
O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado	60
A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões	60
Historia dos dois compadres	60
Historia do Cura e Sacristão	60
Historia de Roberto do Diabo (verso)	66
Historia da Donzella Theodora (verso)	60
Historia do Barba Azul	60
Serenatas ao luar	60
Livro de S. Cypriano	200
A arte de namorar (prosa)	80
A Musa dos Namorados (verso)	60
Gato de Botas	60
Gata Borracheira	60
Um abbade em calças pardas	60
As botas de sete leguas	60
Historia do Feiticeiro de Bronze	60
Historia da Massaroca d'Anastacio	60
Historia de Bernabé Pisa Mansinho	60
Historia da Princeza Clotilde	60
O abbade da Ramaldeira	60
Os amores de Laurinha	60
O Jardim Infernal	60
João de Calais (verso)	60
A Mariquinhas padeira	60
Carlos Magno (versos)	60
A Burrinha magica	60
A B C dos namorados	60
Princesa Magalona (verso)	60
Imperatriz Porcina (verso)	60
Bertoldinho (verso)	60
A formosa Mathildinha	60
Historia da encantadora Mercedes	60
Historia da Princeza Leonor	60
» do Gaitero e a Velha das noses	60
» das Aventuras d'um Sacristão	60
» do João das Moças	60
A martyr da Honra	60
A filha Maldita	60
Historia do Conde Redondo	60
O Fradinho Atiradiço	60
O Conde de Monterey	60
Historia de João Urso	60

Envia-se o catalogo gratis a quem o requisitar

Porto—Typ. Peninsular—Rua de S. Chrispim, 18 a 28

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, envelopes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulars, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO.